

LUTAS TERRITORIAIS E SUAS GEOGRAFIAS NA AMÉRICA LATINA

LUCHAS TERRITORIALES Y SUS GEOGRAFÍAS EN AMÉRICA LATINA
TERRITORIAL STRUGGLES AND THEIR GEOGRAPHIES IN LATIN AMERICA



ORGANIZADORES:

Cláudia Pires

Jörn Seemann

Nelson Rego



**Cláudia Pires
Jörn Seemann
Nelson Rego
(organizadores)**

**LUTAS TERRITORIAIS E SUAS
GEOGRAFIAS NA AMÉRICA LATINA**

**LUCHAS TERRITORIALES Y SUS
GEOGRAFÍAS EN AMÉRICA LATINA**

**TERRITORIAL STRUGGLES AND THEIR
GEOGRAPHIES IN LATIN AMERICA**



Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Prof. Dr. Christian Brannstrom, Texas A&M University, Estados Unidos
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Jörn Seemann, Ball State University, Estados Unidos
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Timothy Norris, University of Miami, Estados Unidos
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Bibliotecária: Eliete Marques da Silva

Capa: Adolpho Rodrigues

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lutas territoriais e suas geografias na América Latina = Luchas territoriales y sus geografías en América Latina = Territorial struggles and their geographies in Latin America [livro eletrônico] / organizadores Cláudia Pires, Jörn Seemann, Nelson Rego. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.
PDF

Ed. trilingue: português/espanhol/inglês.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-514-2

1. América Latina - Condições sociais 2. Geografia
3. Pesquisa 4. Territorialidade 5. Territorialidade humana I. Pires, Cláudia. II. Seemann, Jörn.
III. Rego, Nelson. IV. Título: Luchas territoriales y sus geografías en América Latina. V. Título: Territorial struggles and their geographies in Latin America.

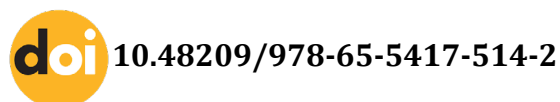
25-291033.1

CDD-305.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Territorialidade : Geografia humana 305.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, sem autorização expressa dos autores ou da editora. A violação importará nas providências judiciais previstas no artigo 102, da Lei nº 9.610/1998, sem prejuízo da responsabilidade criminal. Os textos deste livro são de responsabilidade de seus autores.

A arte que ilustra a capa é uma criação de Duncan Tonatiuh.
Copyright da imagem Duncan Tonatiuh
<https://duncantonatiuh.com/>

La arte que ilustra la portada es una creación de Duncan Tonatiuh.
Derechos de autor de la imagen Duncan Tonatiuh
<https://duncantonatiuh.com/>

The cover artwork was created by Duncan Tonatiuh.
Image copyright Duncan Tonatiuh
<https://duncantonatiuh.com/>

Nota

O padrão ortográfico e sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, os conteúdos textuais e a qualidade das imagens nos capítulos são de inteira e exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores, assim como as informações pessoais constantes no final do livro.

Nota

Las normas ortográficas y el sistema de citas y referencias bibliográficas son prerrogativas de cada autor. Del mismo modo, los contenidos textuales y la calidad de las imágenes de los capítulos son responsabilidad exclusiva de sus respectivos autores, al igual que la información personal que figura al final del libro.

Note

The spelling and system of citations and bibliographical references are the prerogative of each author. Likewise, the contents of the chapters and the quality of the images are the sole and exclusive responsibility of their respective authors, as is the personal information at the end of the book.

SUMÁRIO

Prólogo, Prefácio, Preface	12
Verónica Hollman	
Prefácio, Prólogo, Preface	28
Henrique Cunha Júnior	
Preface, Prefácio, Prólogo	38
Kent Mathewson	
Apresentação/Presentación/Introduction	66
Cláudia Pires, Jörn Seemann, Nelson Rego	
PARTE 1 – PENSAR O MUNDO, LUTAR NOS TERRITÓRIOS, ACOLHER OS LUGARES /PENSAR EL MUNDO, LUCHAR EN LOS TERRITORIOS, ACOGER LOS LUGARES / THINKING ABOUT THE WORLD, FIGHTING IN THE TERRITORIES, HARBORING PLACES	108
CAPÍTULO 1	109
O Brasil e a Espacialidade na América Latina das Matrizes Africanas: algumas referências da política de Estado de invisibilidade-inexistência Rafael Sanzio Araújo dos Anjos	
CAPÍTULO 2	143
Revolución(es) Desde las Autonomías: la dignidad como abrigo de esperanza, en Chiapas, México Diana Itzu Gutiérrez Luna	
CAPÍTULO 3	171
Artes del hacer de la estética en una praxis emancipadora indígena. La tradición oculta en la memoria, esperanza e imaginarios del lenguaje neozapatista Fernando Matamoros Ponce	
CAPÍTULO 4	205
Intergenerational Community Control and the Transformative Youth of the Caño Martin Peña Community Land Trust - San Juan, Puerto Rico Miles Nowlin, Patricia Basile, Mariolga Juliá Pacheco, Krystal Geigel Ramirez, Natalia Nunez Beriguete	

CAPÍTULO 5.....	239
Indigenous Struggle for Territory, Autonomy and Self-Determination in Bolívia	
Derrick Hindery, José Antonio Martinez Montaña, Elmar Masay Soquere, Zulma Villegas Gomez, Judith Chuve Parapaino	
CAPÍTULO 6.....	277
Para Pensar Sobre as Geografias das Ausências e das Emergências: um olhar sobre a pesca artesanal brasileira	
Cristiano Quaresma de Paula, Layon da Silva Brum, Giulia Câmara Caldas	
CAPÍTULO 7.....	317
Da Utopia à Distopia? Uma análise escalar dos distintos modelos em disputa no sistema público de ensino no Brasil	
Carla Hirt	
CAPÍTULO 8.....	363
Juventudes Urbanas: entre jovens, territórios, desafios e potencialidades	
Victor Hugo Nedel Oliveira, Miriam Pires Corrêa de Lacerda	
CAPÍTULO 9.....	386
Corpos Negros Infantis: singularidades nos livros didáticos de Geografia	
Tais de Medeiros Silva, Ivaine Maria Tonini	
CAPÍTULO 10.....	414
Territorialidades quilombolas: o que dizem os e nos livros didáticos?	
Gabriel Siqueira Corrêa, Ivaine Maria Tonini, Carolina da Silva Santos	
CAPÍTULO 11.....	440
De Frente com Onir de Araújo: trajetória de lutas quilombola e quilombista	
Onir de Araújo, Bruno Xavier Silveira, Claudia Luísa Zeferino Pires, Giulia Assunção Sichelero, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt	

**PARTE 2 – PENSAR O LUGAR, LUTAR NOS TERRITÓRIOS,
CONFLUIR NO MUNDO / PENSAR EL LUGAR, LUCHAR EN LOS
TERRITORIOS, CONFLUIR EN EL MUNDO / THINKING
ABOUT THE PLACE, FIGHTING IN THE TERRITORIES,
CONVERGING IN THE WORLD.....474**

CAPÍTULO 12.....475

Pesquisar com quem? Comunidades Ribeirinhas Flona de Tefé-AM:
organização comunitária e ação reivindicatória

Dirce Maria Antunes Suertegaray, Maíra Suertegaray Rossato

CAPÍTULO 13.....496

Os Munduruku e os Saterê-Mawê no Contexto Urbano: migração e
experiências

Denize de Souza Carneiro, Deize de Souza Carneiro, José de Oliveira dos Santos
Silva, Virgínia do Nascimento Peixoto

CAPÍTULO 14.....525

Povos indígenas do Sul do Brasil: ancestralidade, territorialidade e
pertencimento

Nauíra Zanardo Zanin, Ivone Maria Mendes Silva, Fabricio José Nazzari Vicroski

CAPÍTULO 15.....561

The Emergence of the “Ecobarrios” of Bogotá, Colombia: a strategy of
territorial resistance

Luis Sánchez-Ayala, Valeria Borrero-Ramos

CAPÍTULO 16.....583

Experiencias de Consulta Previa, Libre e Informada en el Istmo de
Tehuantepec: entre demanda territorial y estrategia para el despojo

Marco Antonio Vázquez-Vidal, Rosa Marina Flores-Cruz

CAPÍTULO 17.....611

The Territorial Struggle of the Nasa People in Northern Cauca,
Colombia

Jorge Zapata

CAPÍTULO 18.....638

Mapping the Vernacular: participatory data gathering in Las Flores
of Barranquilla, Colombia

Timothy B. Norris, Amin Sarafray, Christopher Mader

CAPÍTULO 19.....	695
Water Access and Quality for Afro-ecuadorian Women in the Chota Valley, Ecuador	
Martina Nebbiai; Alejandra Delgado	
CAPÍTULO 20.....	724
Resistências e educação criativas no contexto da segregação socioespacial no Rio de Janeiro	
Roberto Marques, Chryssanthi Petropoulou, Konstantinos Zafeiris	
CAPÍTULO 21.....	750
El Borde Urbano en la ladera de Medellín, Colombia: apuntes sobre los actores de origen comunitario en la producción del espacio	
Isabel Pérez Alves	
CAPÍTULO 22.....	781
A experiência Kaingang na TI Inhacorá: desafios, instrumentalizações e colaborações para a implementação da PNGATI no Brasil Meridional	
Guilherme Fuhr; Cristiano Kolinski da Silva; Douglas Jacinto da Rosa; Carina Richardt de Carvalho; Marcos Wellausen Dias de Freitas	
CAPÍTULO 23.....	809
Conflitos Entre Circuito Produtivo da Mineração e Comunidades Pesqueiras na Região Sudeste (Brumadinho – Mg, Baía De Sepetiba – Rj), Brasil	
Catia Antonia da Silva	
CAPÍTULO 24.....	835
Lutas e Re-existências no Território Quilombola do Cumbe (Aracati-Ceará – Brasil)	
João Luís Joventino do Nascimento (“João do Cumbe”)	
CAPÍTULO 25.....	853
As Travessias Escolares Impactando os Territórios: reflexões sobre processos de des-territorialização e des-re-territorialização dos estudantes em distorção idade-série	
Lilian Barcella Agliardi, Ligia Beatriz Goulart	

CAPÍTULO 26.....	873
Os Encontros com o IFRS - Campus Restinga: sonhos, afetos, esperanças e possibilidades	
Tiago Bassani Rech, Helena Patini Lancellotti	
Sobre os autores. Sobre los autores. About the authors.....	895
Índice remissivo. Índice remisivo. Index.....	942
Agradecimentos. Agradecimientos. Acknowledgements.....	947

PARTE 1

Pensar o mundo, lutar nos territórios, acolher os lugares

Pensar el mundo, luchar en los territorios, acoger los lugares

Thinking about the world, fighting in the territories, harboring places

CAPÍTULO 1

O Brasil & a Espacialidade na América Latina das Matrizes Africanas: algumas referências da política de Estado de invisibilidade-inexistência

Brasil y la Espacialidad de las Matrizes Africanas en América Latina: algunas referencias a la política estatal de invisibilidad-inexistencia

Brazil and the Spatiality of African Matrices in Latin America: some references to the state policy of invisibility-inexistence

Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Foto 1- Mulheres afrocolombianas com trajes tradicionais



Fonte: Opinión Caribe-Expresión de región, Santa Marta, Colômbia, 2017.

Resumo: Para expressar aspectos fundamentais da espacialidade de matriz africana e suas resistências seculares na América Latina a partir da diáspora, o artigo usa referências das linguagens cartográfica e fotográfica numa perspectiva historiográfica, geopolítica e do geodireito, revelando territorialidades distintas no espaço e no tempo, sobretudo dos quilombos (ancestrais e contemporâneos), isto porque existe um convívio secular não assumido, regido por uma geografia da inexistência, pautada na hostilidade das temáticas, na omissão das informações e nos erros e equívocos oficializados, que funcionam como estratégias básicas dos Estados para a manutenção do sistema dominante conservador, oligárquico, segregador e preconceituoso nas Américas. A diminuição crescente dos prestígios da Geografia e da Cartografia nas estruturas de poder; o modelo de “embranquecimento” das populações como política de Estado nos países, assim como, a manutenção do pensamento social racista dominante, no que se refere às matrizes africanas no território e do povo, constituem ainda entraves básicos na implementação eficaz das políticas públicas e privadas permanentes, duradouras e articuladas. Neste *paper* buscamos auxiliar na ampliação dos conhecimentos sobre as referências geográficas conflitantes na América Latina Africana, particularmente da África Brasileira contemporânea, em risco perma-

nante e sem lugar definido na estrutura político-administrativa e na governança da nação.

Palavras chave: Geografia Africana das Américas. Brasil Africano. Geopolítica Afrobrasileira. Cartografia Afrobrasileira. Quilombos das Américas. Território Afrobrasileiro. Racismo Geográfico. África Brasileira.

Abstract: In order to express fundamental aspects of the African matrix spatiality and its secular resistances in the Americas from the diaspora, the article uses references from the cartographic and photographic languages in a historiographical, geopolitical and geolaw perspective, revealing different territorialities in space and time, especially of the quilombos (ancestors and contemporaries), this is because there is an unassuming secular coexistence, governed by a geography of non-existence, based on the hostility of the themes, the omission of information and the official errors and misunderstandings, which function as basic strategies of the States for the maintenance of the conservative, oligarchic, segregated and prejudiced dominant system in the Americas. The growing decrease in the prestige of Geography and Cartography in power structures; the model of “whitening” of populations as a State policy in countries, as well as the maintenance of dominant racist social thinking, with regard to African matrices in the territory and the people, still constitute basic obstacles in the effective implementation of public policies and permanent, lasting and articulated private facilities. In this paper, we seek to help expand knowledge about the conflicting geographical references in African America, particularly in contemporary Brazilian Africa, at permanent risk and without a defined place in the political-administrative structure of the nation.

Keywords: African Geography of the Americas. African Brazil. Afro-Brazilian Geopolitics. Afro-Brazilian Cartography. Quilombos of the Americas. Afro-Brazilian Territory. Geographical Racism, Brazilian Africa.

Resumen: Para expresar aspectos fundamentales de la espacialidad matricial africana y sus resistencias seculares en las Américas desde la diáspora, el artículo utiliza referencias de los lenguajes cartográfico y fotográfico en una perspectiva historiográfica, geopolítica y geojurídica, revelando diferentes territorialidades en el espacio y el tiempo, especialmente de los quilombos (ancestros

y contemporáneos), esto se debe a que existe una convivencia secular sin pretensiones, regida por una geografía de la inexistencia, basada en la hostilidad de los temas, la omisión de información y los errores y malentendidos oficiales, que funcionan como estrategias básicas de los Estados para el mantenimiento del sistema dominante conservador, oligárquico, segregado y prejuicioso en las Américas. El creciente desprestigio de la Geografía y la Cartografía en las estructuras de poder; el modelo de “blanqueamiento” de poblaciones como política de Estado en los países, así como el mantenimiento del pensamiento social racista dominante, en cuanto a las matrices africanas en el territorio y las personas, constituyen aún obstáculos básicos en la implementación efectiva de las políticas públicas y instalaciones privadas permanentes, duraderas y articuladas. En este artículo, buscamos ayudar a ampliar el conocimiento sobre las referencias geográficas en conflicto en la América africana, particularmente en el África brasileña contemporánea, que está en riesgo permanente y no tiene un lugar definido en la estructura político-administrativa de la nación.

Palabras clave: Geografía africana de las Américas. Brasil africano. Geopolítica afrobrasileña. Cartografía afrobrasileña. Quilombos de las Américas. Territorio afrobrasileño. Racismo geográfico. África brasileña.

Introdução

A Geografia Política do processo de formação territorial da América Latina nos últimos cinco séculos tem sido configurada na sua estrutura social e demográfica, sobretudo nos lugares segregados no território usado multiescalar. A captura e expressões das espacialidades constituídas a partir da diáspora são reveladoras dos conflitos seculares no espaço latino-americano, marcadas por estratégias de embranquecimento e práticas facilitadoras de inexistências nas distintas esferas oficiais e institucionais.

O território continua sendo a grande instância geográfica reveladora das visibilidades e invisibilidades espaciais, ou seja, os aceitos pelo sistema dominante e, os invisibilizados, que têm correspondência aos que não devem ser representados na cartografia e na paisagem oficial. A espacia-

lidade da exclusão e do conflito secular nas nações latino-americanas é o que tratamos aqui e propomos outras representações, leituras e interpretações geográficas, onde a complexidade conflitante da África existente-resistente nos países sejam consideradas devidamente. Neste sentido, é dado um foco particular na formação territorial do Brasil e do seu povo diverso, tomando como referência os aspectos geográficos da herança africana configurada no território. Lembramos que no conceito de território estão agregados os sentimentos de apropriação de uma porção do espaço, assim como, quanto ao seu limite, a sua fronteira.

Entendemos que o território é o suporte da existência humana! Ele é na sua essência um fato espacial e social secularmente atrelado a uma dimensão política, permeado de identidade, possível de categorização e de dimensionamento. Nesta direção, no território afrobrasileiro estão gravadas as referências culturais e simbólicas das matrizes da África na sua coletividade, ou seja, é o espaço multi escalar (cadastral, urbano, municipal, regional e nacional) construído e materializado a partir das suas referências identitárias e de pertencimento territorial, onde a sua população tem um traço de origem étnica e social predominante. (Anjos, 2020).

Importante lembrar que no processo de leitura, interpretação e representação do território, os mapas são efetivamente ferramentas eficazes, possibilitando revelar as construções sociais e feições naturais do espaço e por isso, mostram os fatos geográficos e os seus conflitos. Estes são imprescindíveis por constituírem uma ponte entre os níveis de observação da realidade e a simplificação, a redução e a explicação, além de fornecerem pistas para a tomada de decisões e soluções para a governança territorial. Neste sentido,

a cartografia afrobrasileira é sobretudo uma ferramenta estratégica básica para a cidadania negada secularmente, uma vez que este instrumento de certa maneira, 'fala' e torna 'visível' o 'Brasil Africano' que muitos e muitas não querem 'ouvir' e nem 'ver', mas é possível a sua construção e existência! Por isso a cartografia não é somente um desenho: ela produz documentos, ou seja, pode mostrar como a sociedade funciona, como anda a casa, a rua, o bairro, a cidade, o município, o estado, a nação, onde estão os excluídos e os incluídos no sistema. (Anjos, 2020).

Tomamos como premissa que tratar da América Latina Africana e da África Brasileira nos contextos espaciais, buscando reconhecer, valorizar e superar os racismos sistêmicos e institucionais existentes, é ter uma ação

sobre um dos mecanismos fundamentais na manutenção da exclusão territorial e social secular da América Colonial ainda dominante. Neste *paper* buscamos auxiliar na ampliação dos conhecimentos e das informações sobre as referências espaciais das territorialidades de matrizes oriundas da África na América Latina real, com um foco no Brasil Africano. Este trabalho busca, dessa forma, trazer os elementos fundamentais para o entendimento das configurações multi escalares existentes e também, abordar o modelo perverso da governança de “embranquecimento” dos povos, assim como, sinalizações e perspectivas de gestão antirracista junto a territórios de matriz africana. Algumas referências sobre a geopolítica do modelo institucional da diáspora e da Geografia Africana na América e no Brasil são tratadas a seguir.

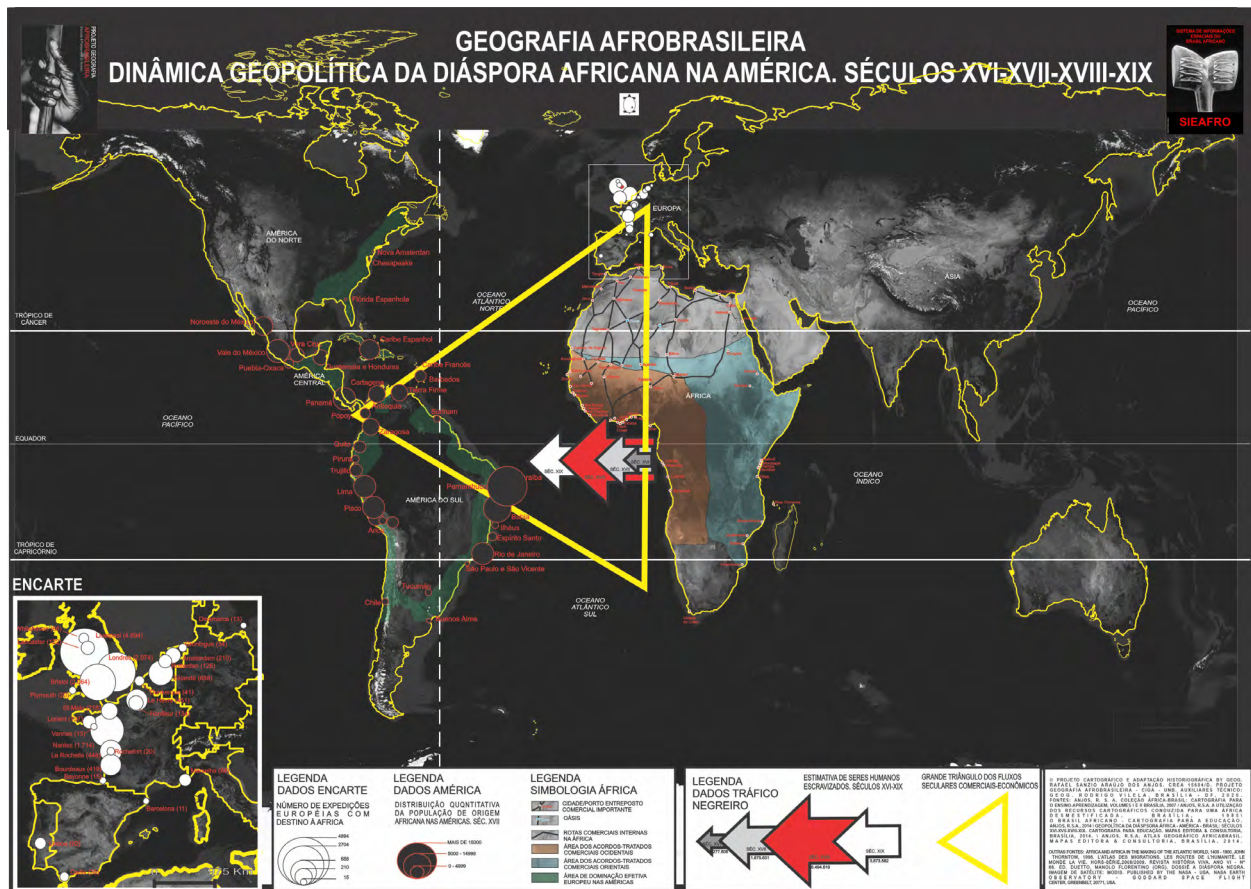
Algumas Referências da Geografia da Diáspora Africana Na América

As “invasões territoriais” da Europa Moderna ocorridas no “Novo Mundo” durante os séculos XV, XVI, XVII, XVIII e XIX são marcadamente estruturados para outra configuração cartográfica e geográfica do globo, sobretudo pelas “apropriações” dos territórios desconhecidos oficialmente e incorporados, às “novas” fronteiras constituídas e impostas e, a evolução significativa das técnicas. O continente europeu, com seu território de dimensões reduzidas, pobreza mineral e uma população insuficiente para ocupar e produzir nas “novas terras descobertas”, vai encontrar nestas mesmas terras os fatores de produção que lhes são escassos. Este período vai coincidir com o início do Renascimento, no qual a atividade mercantil vai abrir caminho para a Revolução Industrial e para o Capitalismo. Este período da história dos seres humanos vai ter uma caracterização básica de configurar uma nova fase nas relações entre eles e entre estes e a natureza. A gravura de 1598 da representação na Figura 1 mostra os navegadores portugueses chegando com reverência ao Reino do Congo, na qual o seu Rei é reverenciado pelos “estrangeiros”, num primeiro momento.

A dinâmica continental dos fluxos econômico-comerciais do século XV ao XIX, caracterizando o triângulo principal dos movimentos diaspóricos formado pela Europa, África e América, tinham o oceano Atlântico como grande espaço de ligação e por seus mares navegavam as mercadorias da Europa, do Oriente, das colônias e os “navios negreiros” que saíam da rede de portos europeus e da costa e contra costa do continente africano para o “mundo cheio de selvagerias”. A representação cartográfica da Figura 2 mostra a configuração deste triângulo de ligações territoriais. As grandes manchas de ocupação nas faixas litorâneas do Novo Mundo, os indicadores quantitativos dos fluxos e das concentrações de povos africanos nas metrópoles coloniais, assim como, o encarte cartográfico indica a dinâmica dos portos escravagistas com destaque para a França, Inglaterra e Países Baixos. Dessa forma, a cartografia apresenta as principais referências dos movimentos territoriais nesta triangulação envolvendo os três continentes, com funções e papéis bem definidos na trama econômica, política e ideológica.

No Fluxo Europa-África-Europa os navios saídos dos portos escravagistas europeus levavam armas, tecidos, bebidas e outras mercadorias e dos portos africanos vinham o sal, pedras preciosas, café, açúcar, marfim, dentre outros produtos tropicais e seres humanos. O Fluxo América-África-América se caracteriza prioritariamente pelos deslocamentos dos distintos grupos étnicos com suas bagagens culturais e tecnológicas para a ocupação e formação dos novos territórios coloniais e da sua costa Oriental eram exportados o fumo de corda, aguardente batata, amendoim, dentre outros produtos. Do Fluxo América-Europa-América saíam açúcar, aguardente, cacau, tabaco, café, borracha, pedras preciosas, algodão, batata, girassol, tomate, milho, pimenta, baunilha, etc. e, para o Novo Mundo eram encaminhados cevada, gado, aveia e centeio. Os pontos fixos de articulação e “nós espaciais” se caracterizaram principalmente pela rede de cidades e portos que vão dar suporte locais e regionais na Geografia da Diáspora. (Anjos, 2014).

Figura 2 – Dinâmica Geopolítica da Diáspora Africana na América. Séculos XV-XVII-XVIII-XIX



Fonte: ANJOS, R.S.A. A espacialidade do Brasil africano, a governança secular escravocrata & as perspectivas de uma articulação antirracista para o território nacional. Revista ANPEGE v. 18, n. 36, Ano 2022.

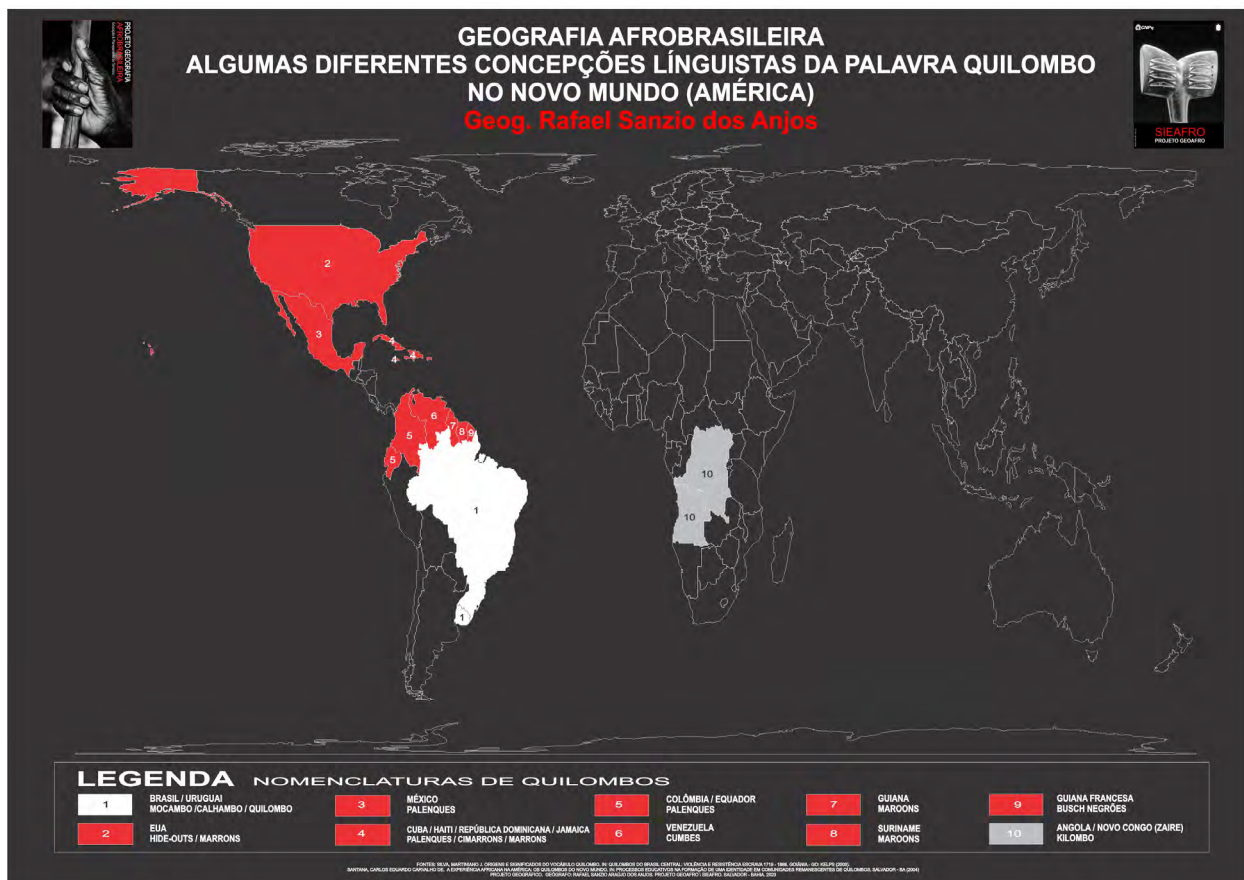
No processo de formação territorial da América esses fatos geográficos seculares revelam uma crescente consolidação da sociedade escravagista, mesmo com o desenvolvimento paralelo dos conflitos políticos-territoriais e as contradições socioeconômicas.

Os trabalhos dos povos escravizados eram a força de criação de valor e os estímulos para a constituição dos mecanismos para ampliar o ritmo de trabalho e a exploração da natureza. Estas são as premissas básicas do escravismo industrial instaurado pelo Brasil com eficácia e com larga reprodução em outras colônias. Na América estruturada pelo Sistema Escravocrata pulverizadas de contradições evidentes e crescentes, o quilombo significava a expressão espacial concreta e mais significativa dos conflitos junto ao sistema dominante e era uma reconstrução e elaboração de um tipo de organização territorial existente na África Bantu (Austral) que vai

se consolidar no território.

Estes sítios de origem africana eram um fato espacial de extensão continental na América e tinham o desejo coletivo de resistir à sociedade da opressão e da exclusão perversa. Vão surgir milhares desses sítios, de norte a sul do território americano. Na Colômbia, no Equador, no México e em Cuba são os *Palanques*; *Cumbes* na Venezuela; *Marrons* no Haiti, nas Ilhas do Caribe ‘Francês’, no Suriname, nos Estados Unidos e Jamaica; *Cimarrons* em diversas partes da América ‘Espanhola’; *Marrons* nas Guianas e *Bush Negrões* na Guiana ‘Francesa’. (Anjos, 2010).

Figura 3 – Algumas Diferentes Concepções Linguísticas da Palavra quilombo no Novo Mundo (América)



Fonte: ANJOS, R.S.A. Quilombos: Geografia Africana – Cartografia Étnica – Territórios Tradicionais. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2010.

As cartografias, fotografias, gráfico e registros documentais da Figura 4 reconstituem algumas referências do sistema escravocrata, destacando a espacialidade dos quilombos ancestrais, ou seja, os mais antigos territórios de resistência africana no Brasil Colonial. Neste sentido, o quilombo africano e o quilombo americano apresentam semelhanças fundamentais. Esses sítios africanos no Novo Mundo eram um fato espacial de extensão continental e tinham um desejo coletivo de resistir à sociedade de opres-

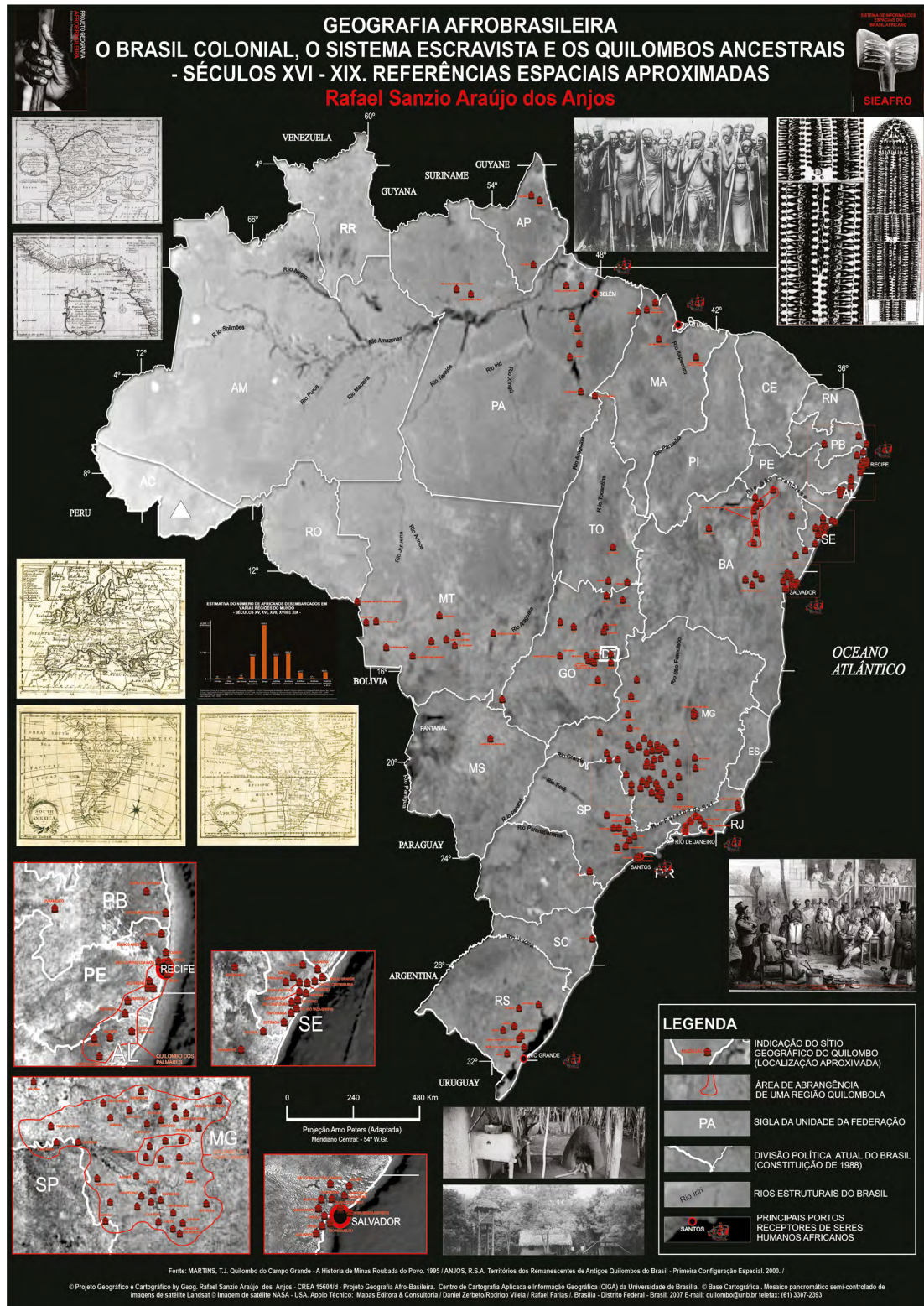
são e da exclusão. No Brasil Colonial esses territórios étnicos organizados, independentes e numerosos eram uma ameaça à estabilidade da classe senhorial e, justamente por isso, foram duramente reprimidos estimulando a criação de capitães do mato e das expedições para destruição dos seus territórios. A cartografia com o registro aproximado dos sítios dos quilombos ancestrais revela a extensão e configuração dos quilombos no espaço de dominação portuguesa e a complexidade das engrenagens que moveram por quatro séculos a geopolítica da diáspora África/Brasil.

A primeira metade do século XIX é marcada pelos vários conflitos territoriais, sócias e tratados visando abolir a tráfico negreiro junto às resistências coloniais portuguesas e espanholas. O quadro de ilegalidade e clandestinidade com estatísticas imprecisas e as pressões geopolíticas europeias marcam este período onde as ligações bilaterais são desfeitas entre o continente africano e o americano. Com processos distintos, sobretudo pela estruturação da Geografia da Estrutura Católica Colonial na América Latina, os dinamismos nas fronteiras das formações dos estados apresentam configurações distintas neste século, sobretudo pelos diversos movimentos sociais libertários envolvendo populações africanas e de seus descendentes. A Figura 05 sintetiza a cartografia da dinâmica da formação das fronteiras político – administrativas do Brasil Colonial, desde o marco inicial do Tratado de Tordesilhas em 1500. Todo o processo de expansão das fronteiras brasileiras tem a presença historiográfica (não registrada devidamente) dos povos africanos e descendentes e, os originários. A Figura 06 mostra uma representação espacial dos novos estados formados na América Latina no final do século XIX, ainda com fronteiras pouco definidas e diferentes das que vão se processar até o início do século XX. Neste sentido, este século vai se marcar na América Latina por governos identificados profundamente com o Sistema Escravista de quatro séculos, fato que explica os seus desdobramentos até o momento atual no século XXI.

As resistências do sistema colonial dominante no século XIX na América é revelador das resistências oficiais para a finalização do sistema opressor. O Brasil por mais de seis décadas e os Estados Unidos por quase um século, continuaram oficialmente escravistas depois das suas independências. O Estado brasileiro vai se desenvolver sobre esse contexto secular de fragilidade geopolítica, apostando na dominação e exploração violenta

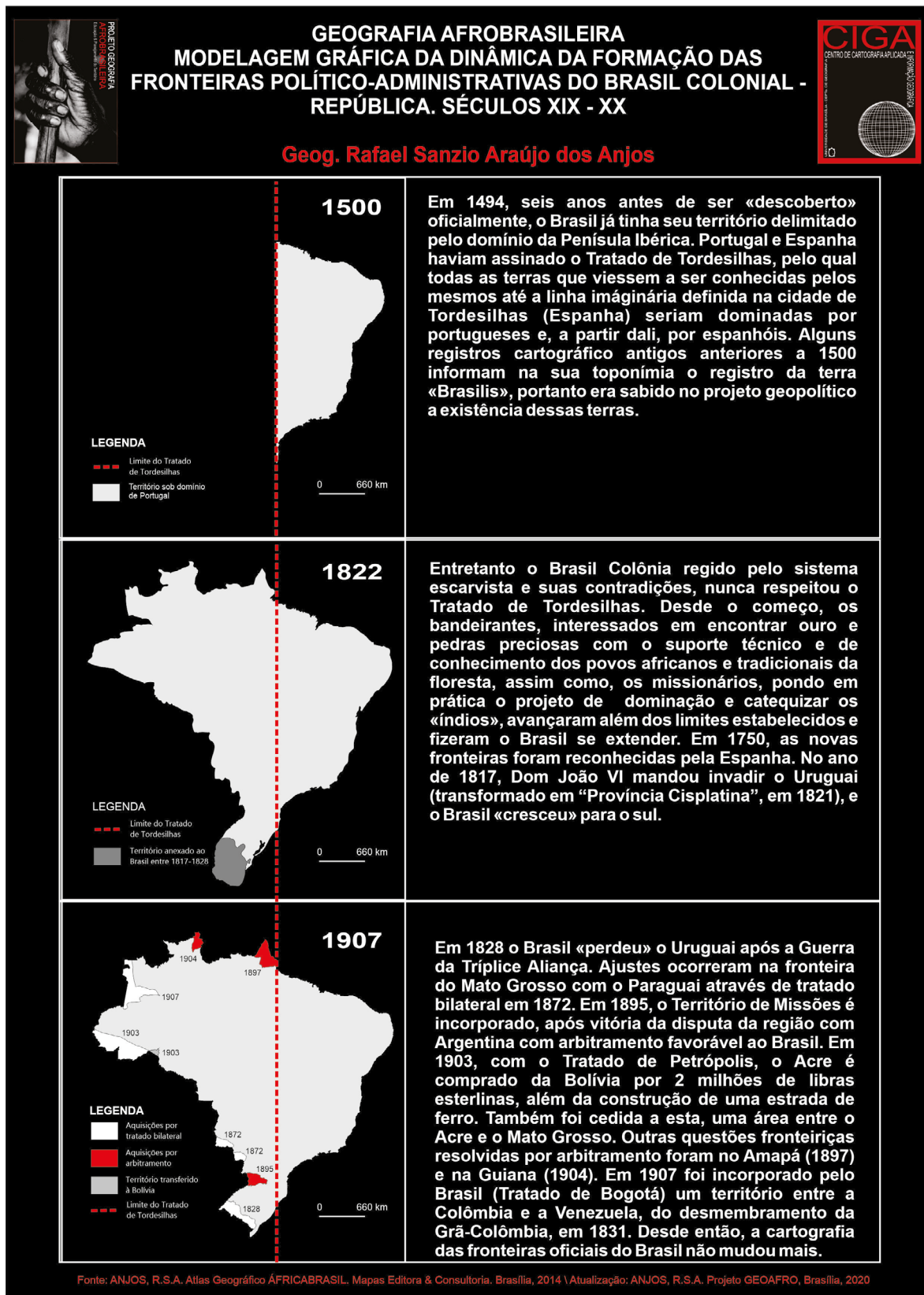
dos territórios e dos povos inferiorizados, organizando o processo de desigualdade, institucionalizando a ineficiência nas ações governamentais, restringindo o acesso a educação, a cultura, informação e a saúde.

Figura 4 – O Brasil Colonial, o Sistema Escravista e os Quilombos Ancestrais – Séculos XVI - XIX



Fonte: Geog. Rafael Sanzio Araujo dos Anjos. Projeto GEOAFRO. Salvador – BA, 2023.

Figura 5 – Modelagem Gráfica da Dinâmica da Formação das Fronteiras Político-Administrativas do Brasil Colonial – República. Séculos XIX-XX



Fonte: ANJOS, R.S.A. Atlas ÁFRICABRASIL Mapas Editores & Consultoria. Brasília, 2014.

Figura 6 – Atlas Géographie – Phisique, Politique et Historique. Librairie Géographique Emile Bertaux. Paris – France, 1907.



Fonte: Carte sur Amérique Latine Atlas Géographie – Phisique, Politique et Historique. Librairie Géographique Emile Bertaux. Paris – France, 1907.

É pertinente lembrar que o Brasil Colonial foi quem mais dinamizou o tráfico atlântico e importou forçosamente seres humanos africanos de distintas matrizes étnicas e culturais. Assim como foi o último a sair do sistema escravocrata, resolvido institucionalmente com a assinatura da Lei Áurea (1888), devido às pressões internacionais e num contexto interno de tensão entre segmentos com interesses distintos da sociedade dominante e com desdobramentos traumáticos no território brasileiro nesses 133 anos “carregando” as referências do escravismo criminoso. (Anjos, 2019).

O fim institucional da escravidão visou sobretudo, a consolidação da Geografia Oficial das Desigualdades ao “engessar juridicamente” uma estrutura de privilégios seculares e constituir oficialidade na hipocrisia e invisibilidade do Brasil Escravocrata Criminoso (ver as Charges do século XIX na Figura 7 e os registros das paisagens na Figura 8). O Brasil Imperial Escravocrata vivia na ilegalidade do tráfico, silenciada pelos grandes proprietários das fazendas com o aval do Estado – Nação em nascimento. Dessa forma, as leis não eram aplicadas, consolidando uma cultura da ‘Lei prá Inglês Ver’. Neste sentido, alguns marcos legais são estruturais para o entendimento e explicação do Brasil desigual que vai se cristalizar ao longo destes últimos 200 anos, expresso na marginalidade espacial nos territórios usados. São os seguintes:

1. A Lei Feijó (1831) que proibia claramente o tráfico de seres humanos africanos, mas que ficou conhecida como “Lei prá Inglês Ver” pelo não cumprimento pelo Império;
2. A Lei 001 de 1837 que institucionalizava que os africanos e seus descendentes não podiam estudar e proibia os mesmos de frequentarem escolas públicas;
3. A primeira Lei de Terras (Lei n. 601 de 18 de setembro de 1850), que tinha como premissa geopolítica, inviabilizar a possibilidade de propriedade e compra/aquisição de terras para os povos africanos e seus descendentes;
4. A Lei Saraiva Cotegipe (1885) que traz imposições para analfabetos não votarem e não terem lugar na política;
5. A lei da Vadiagem (1890) que institucionaliza a violência e sua naturalização, ou seja, a formalização do Estado policial;

Figura 7 – A Hipocrisia e a Invisibilidade na Finalização Oficial do Sistema Escravista no Brasil. Final do Século XIX



Fonte: Gravuras Arquivo Público de Pernambuco – Recife, 1888
 Elaboração: Projeto GEAfro, Brasília, 2024.

porais que visavam promover a extinção do povo de matriz africana pela fome, deseducação, desterritorialidade e inexistência no sistema dominante;

7. Ainda como desdobramento dessa “Velha República Escravocrata”, temos em 1968 a chamada “Lei do Boi” que institucionaliza cotas estudantis para os filhos dos fazendeiros do Brasil contemporâneo de mentalidade colonial.

Estas referências do geodireito mostram por que o Brasil vai se manter com um pensamento social dominante preconceituoso, pautado num conceito errôneo generalizado na nação continental até os dias atuais, materializado em ações discriminatórias em praticamente todos os segmentos da sociedade. Importante o reconhecimento da sobrevivência e manutenção desta geopolítica conservadora no Brasil, que deixou o período escravocrata “zangado”, portanto resistente e contrário na sua maioria a deixar as regras dos privilégios institucionais e sociais do sistema político-econômico-social. Esta resistência não resolvida de cinco séculos, ainda se configura de forma predominante na sociedade atual e no território multi escalar contemporâneo com um racismo estrutural e institucional, ou seja, uma crença comportamental de seres superiores (existentes, visíveis e oficiais) e inferiores (inexistentes, invisíveis e marginais). (Anjos, 2020).

Algumas considerações referentes às políticas de Estados implementadas no Brasil e na América Latina visando invisibilizar as populações de matriz africana e as suas referências identitárias, culturais e territoriais, são tratadas no item a seguir.

A “Pardarização” como Política de Estado no Brasil e na América Latina

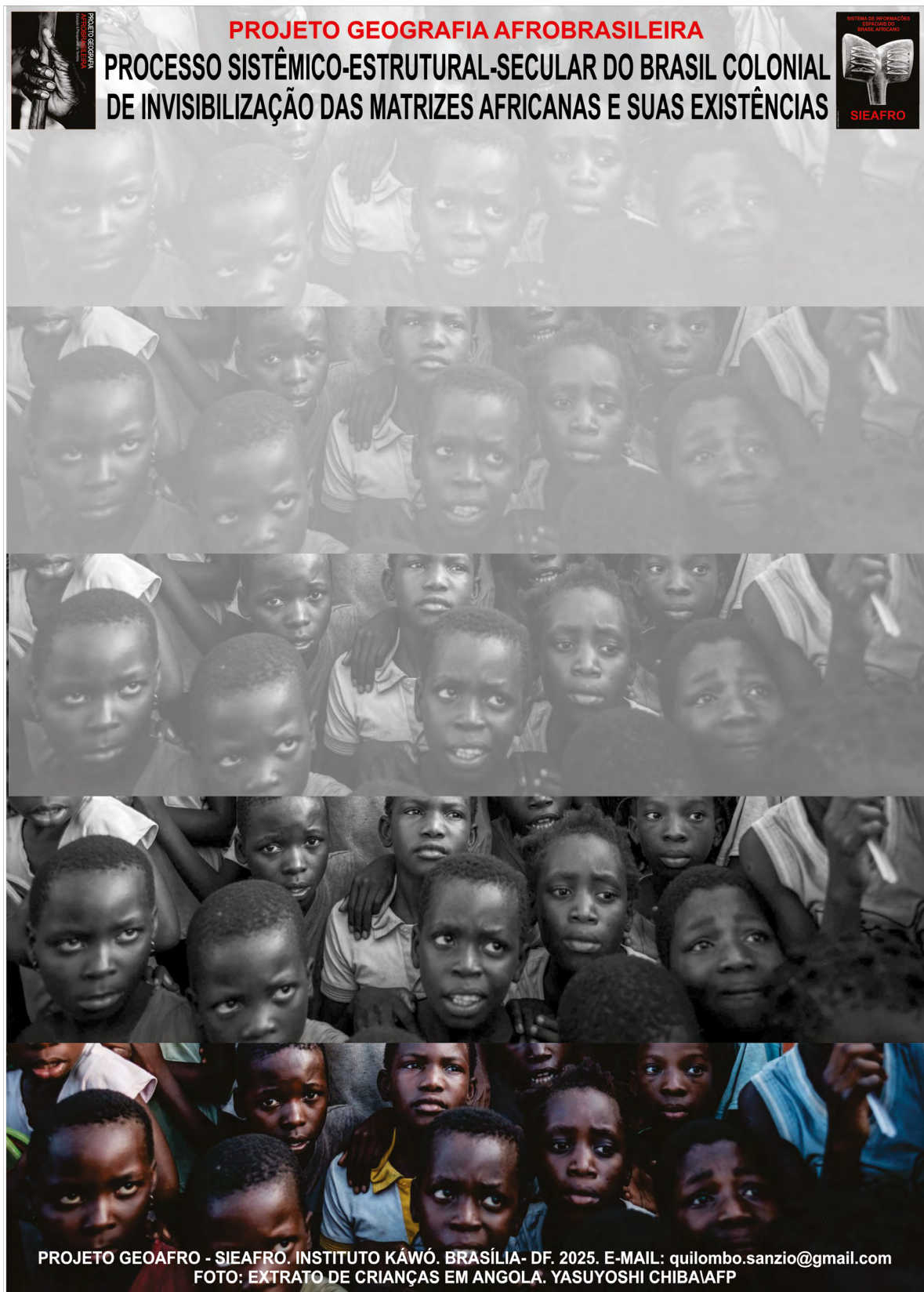
Importante a lembrança de que a história oficial e a governança da maioria dos países da América Latina, ainda continuam associando à população de matriz africana uma imagem de “escravizados”, aos quilombos sempre como algo do passado e aos territórios “negros” uma invisibilização permanente e preconceitos. A estratégia básica é “olhar” a América e o povo descendente da África, como se estas não fizessem parte da vida contemporânea das nações, implementando sistematicamente uma estratégia de “inexistência” social e territorial. No Brasil, o país mais acabadamente

escravista do continente Americano este contexto é emblemático.

A “Geografia Oficial, ou seja, a Geografia que o Estado brasileiro tem desenvolvido ao longo dos seus cinco séculos de existência formal no sistema global, vai se operacionalizar sobre esse contexto duradouro de dominação e exploração dos territórios e dos povos subjugados e inferiorizados, apostando portanto nas desigualdades, na ineficiência das ações governamentais, restringindo o acesso à educação e a saúde e, exigindo obrigações dos seguimentos menos favorecidos. Mesmo com está Geopolítica Colonial de proteção da classe que detém o capital e os meios de produção, o Brasil era e continua extremamente frágil porque dependia e depende da força de trabalho dos povos africanos e tradicionais da floresta para se manter. É oportuno lembrar que fomos a Colônia que mais importou forçosamente seres humanos africanos de distintas matrizes étnicas e o último a sair do sistema escravista na América, resolvido institucionalmente com a assinatura da Lei Áurea (1888), devido à pressões internacionais e num contexto interno de tensão entre segmentos com interesses distintos da sociedade dominante e com desdobramentos traumáticos na sociedade e no território brasileiro nesses 133 anos ‘carregando’ as referências do escravismo criminoso” (Anjos, 2019).

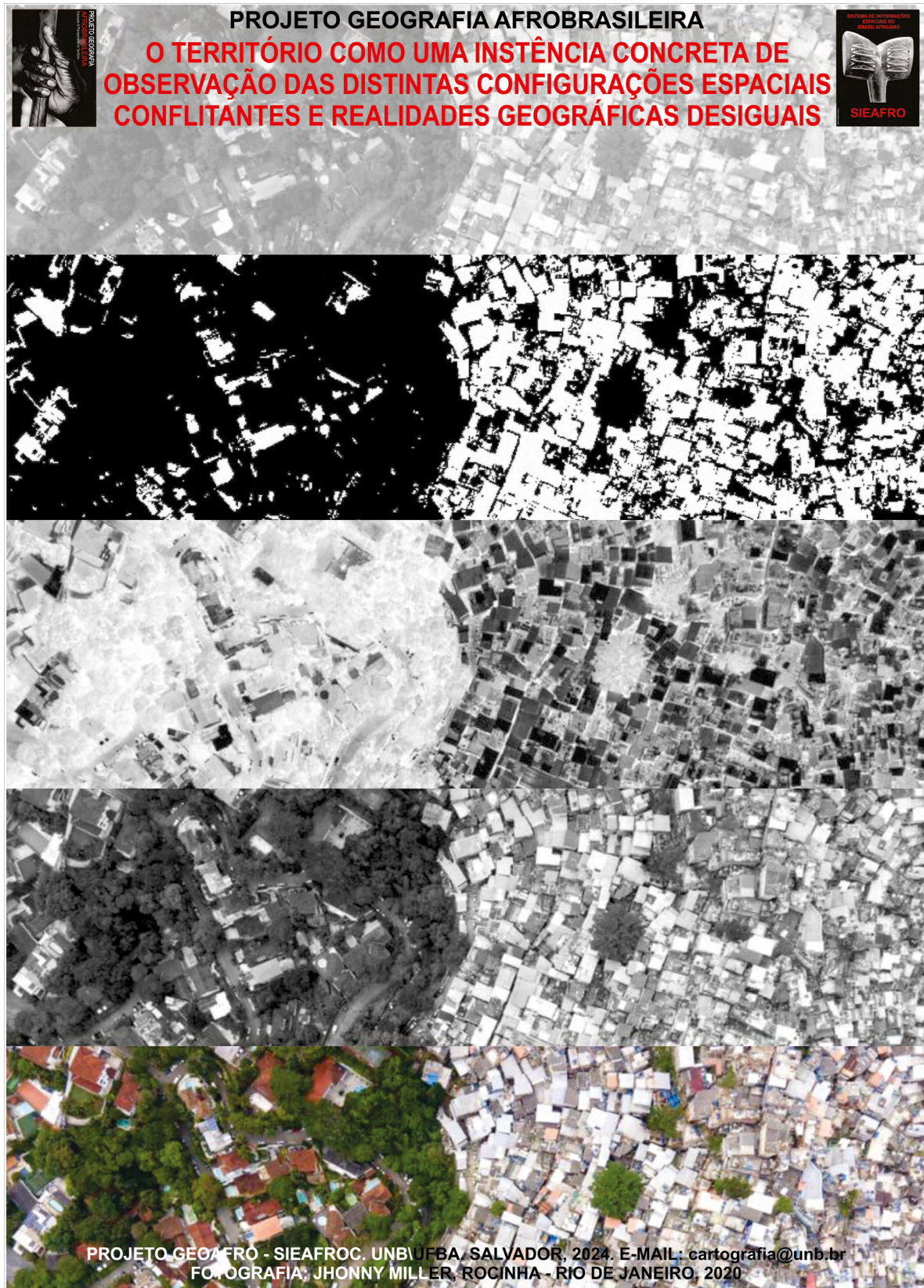
O desenvolvimento estratégico de uma “miopia” proposital na nação nos últimos 150 anos tem visado iludir o imaginário da nação escravocrata, “escondendo” os quatro séculos de escravidão oficial, desinformando e criando impedimento para qualquer tentativa de inserção e emergência social, econômica, política e educacional do Brasil Africano real (ver a Figura 9). E na atualidade as espacialidades de matriz africana da nação trazem o conflito do território invisibilizado secularmente e revela a dificuldade do Estado para “enxergar” as consequências do enriquecimento proveniente da diáspora africana. Neste paradoxo está a principal “encruzilhada” geopolítica do país, ou seja, o incômodo permanente com a Geografia da Desigualdade implementada, necessária para as elites, mas com um conflito permanente junto ao seletivo grupo que controla e domina os meios de produção, no sentido largo. A Figura 10 sintetiza os dois “Brasis” seculares aqui referidos: Formal – Informal, Organizado – Desorganizado, Oficial – Oficioso, Legal – Ilegal, Vida boa – Vida Ruim, Ser Feliz – Ser Infeliz, dentre outras categorizações pejorativas, racistas e limitadas reveladoras do Brasil Real, em conflito materializado o *apartheid* no território desigual, com lógicas espaciais distintas e fronteira rígida separando as duas “Geografias”, dos dois “Brasis”.

Figura 9 – Processo Sistêmico-estrutural-Secular do Brasil Colonial de Invisibilização das Matrizes Africanas e suas Existências



Fonte: Projeto GEOAFRO. Brasília, 2022
Foto: Extrato de crianças em Angola. Yasuyoshi Chiba/AFP.

Figura 10 – O território como uma Instância Concreta de Observação das Distintas Configurações Espaciais Conflitantes e Realidades Geográficas Desiguais



Fonte: Projeto GEOAFRO. UnB /UFBA.
Foto: Extrato da Rocinha – Rio de Janeiro, Jhonny Miller, 2020.

A Figura 11 mostra a estrutura das estratégias geopolíticas na implementação de políticas de Estado racistas, excludentes e duradouras para a manutenção da “miopia” secular da nação de mentalidade colonial – escravocrata e limitada. São seis (6) os eixos, a saber:

1. Constituição formalizada de um apagamento da memória dos cinco (5) séculos de Sistema Escravista no Brasil. Onde está o grande museu nacional que trate e mostre a valorização, resistências e contribuições, no sentido largo, das matrizes oriundas da África na constituição e formação do Brasil?
2. Processo de “branqueamento” da população nos últimos 150 anos. A quem interessa termos nos tornado a nação mais “parda” do mundo? De noite todos os gatos são o que? Convivemos em um país com um grande problema de identidade, pertencimento e reconhecimento das suas matrizes étnicas ancestrais;
3. O processo de ocupação desigual do território com fronteiras bem definidas do conflito secular é um fenômeno espacial banalizado, naturalizado na nação. Que seguimentos da sociedade, do governo e dos meios de produção ganham com a pobreza generalizada?
4. A constatação de uma prática de impedimento eficaz nas representatividades do espaço político do país. Porque não temos deputados(as) e nem senadores(as) de matriz africana nas representações da Câmara e do Senado em Brasília? Por que não existem quase prefeitos(as) pretos(as) nas prefeituras municipais nos 5.570 municípios brasileiros?
5. O fortalecimento de um Estado Policial e repressor das “minorias”, que no Brasil Real são “maioria”. Quem são as populações mortas sistematicamente nas cidades brasileiras? Porque a política de extermínio do povo afrobrasileiro caminha há passos tão largos?
6. Manutenção de uma Mídia Oficial e Educação do Estado Escravocrata onde as matrizes oriundas da África, do povo e da cultura afrobrasileira não tenham espaço e nem lugar. Por que temos uma Lei 10.639, desde 2003 que obriga o sistema escolar da nação a ensinar referências da cultura e dos povos de matriz africana no país e a mesma não ocorre? Por que os Ministérios Públicos não agem para contornar este contexto?

Figura 11 – O Brasil Contemporâneo em Conflito Étnico-Racial e a “Miopia” Secular da mentalidade Colonial – Escravocrata – Limitada

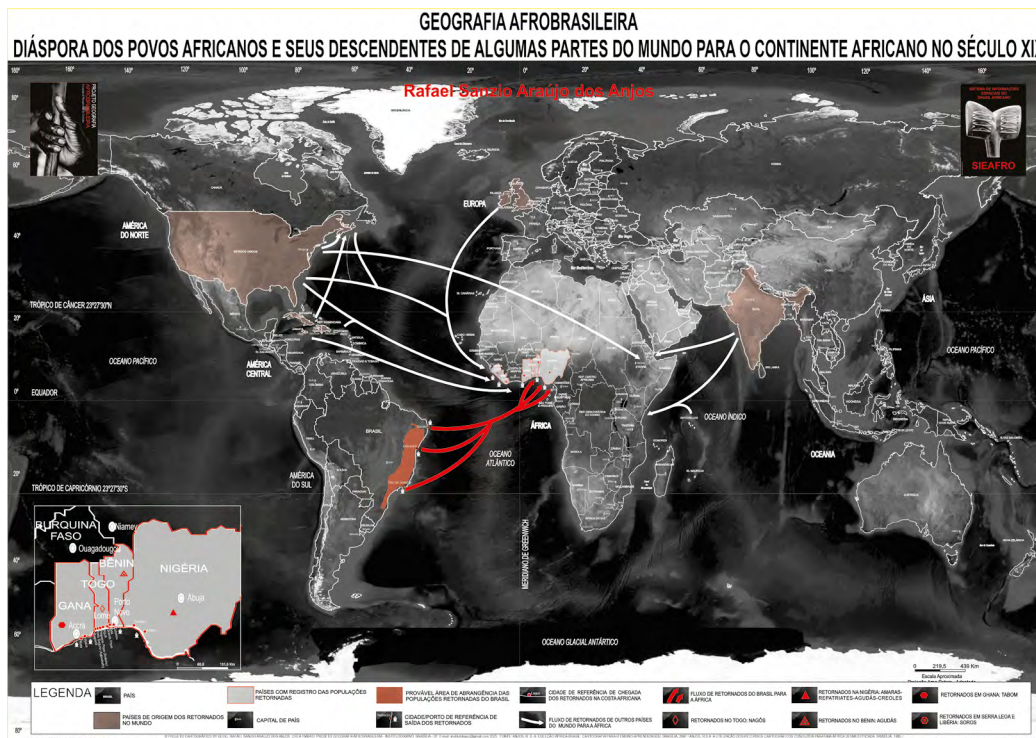


Fonte: ANJOS, R.S.A. A espacialidade do Brasil africano, a governança secular escravocrata & as perspectivas de uma articulação antirracista para o território nacional. Revista ANPEGE v. 18, n. 36, Ano 2022.

A política de Estado do retorno de africanos, africanas e descendentes, assim como, de entrada de povos europeus no século XIX e XX é outro componente desse contexto, ou seja, a “entrada” de povos europeus e a “saída” de povos africanos e descendentes que ocorrem no mesmo momento histórico (fim do século XIX e início do século XX). Esta geopolítica do Brasil Colonial de proporcionar o retorno das populações de matriz africana no contexto da política de “embranquecimento” é um tipo de ação que vai ser reproduzida por outros estados coloniais, como os Estados Unidos, Cuba, República Dominicana, Haiti, Jamaica, Porto Rico, Inglaterra, Irlanda, Escócia e Índia. A Figura 12 mostra parte deste movimento diaspórico denominado nas referências históricas como “os retornados”, no qual o Brasil tem um destaque especial na cartografia apresentada. Dos portos de Recife, São Salvador de Bahia e São Sebastião do Rio de Janeiro vão sair mais de 5.000 africanos (as) libertos para unidades políticas de dominação

européia no Golfo da Guiné, atuais países da Nigéria (Amaras, Repatriates, Agudas e Creoles), Togo (Nagôs), Benin (Agudás) e Gana (Tabom). (GURAM, 2000)

Figura 12 – A Diáspora dos Povos Africanos e seus Descendentes de Algumas partes do Mundo para o Continente Africano no Século XIX



Fonte: ANJOS, R.S.A. A geografia afrobrasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista, Boletim Paulista de Geografia, n. 104, 2020.

Nesse contexto, a questão estrutural configurada está no tratamento dado à demografia e sua abordagem étnico-racial. No caso brasileiro continua sem uma resposta e representação adequada nestes dois séculos, isto porque os critérios de aferição racial oficiais levam à subestimação do número real de cidadãos de matriz afrobrasileira que integram o país. No Censo realizado em 1872 a “cor da pele” definia lugares na sociedade colonial-imperial, nas quais grupo étnico e condição social estavam indissociavelmente ligados. Esta herança colonialista sofreu pequenos ajustes ao longo do século XX, mas se mantém da essência no século XXI. O organismo responsável pela contagem e caracterização étnica, social e econômica do país é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que continua agrupando os indivíduos em brancos, pretos, amarelos e pardos, considerando brancos, pretos ou amarelos os que assim se declararem e os

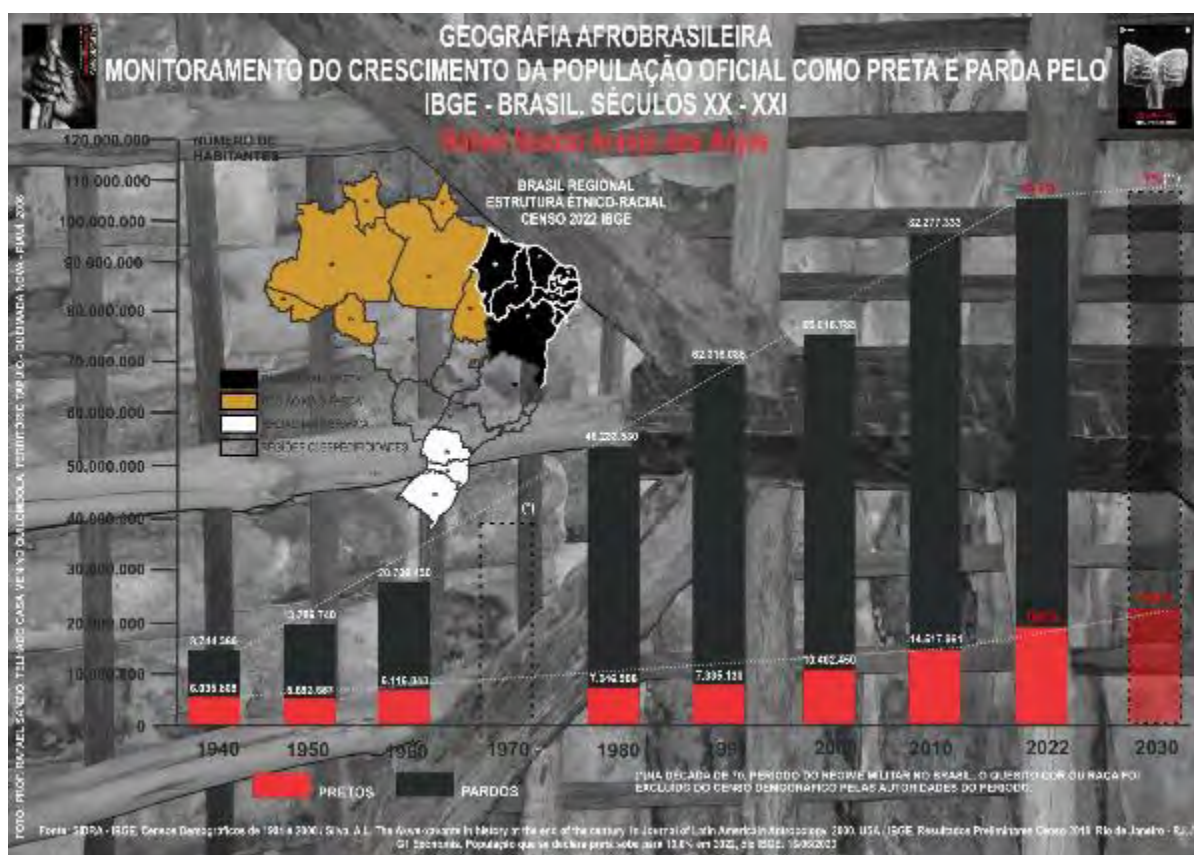
“outros” ficam classificados como pardos. Recentemente, esta instituição inseriu o grupo dos “índios” e “quilombolas”, ou seja, o método de aferição “imperial” não sofreu mudanças estruturais e continua mantendo a perspectiva de uma política de “embranquecimento” onde a população “parda” é a que mais cresce ao longo da série histórica dos dados, conforme esta expresso no gráfico da Figura 13.

Estas referências do geodireito mostram por que devemos assumir que a população considerada como ‘parda’ no histórico dos Censos é de fato o contingente que tem graus diferenciados de ascendência africana e fica evidente que a população do Brasil com referência no continente africano não é minoria e, sim maioria. As estratégias em curso de ampliação da deseducação e consolidação das referências de ‘minorias étnicas e raciais’ são componentes que visam consolidar o processo de embranquecimento do Brasil Escravocrata, desenhado pelas elites ‘brancas’ e pelos ‘Brasis’ Colonial, Imperial e Republicano (Velho e Novo) como política de Estado e não de Governo para a manutenção do Brasil desigual e racista. (Anjos, 2018).

A representação estatística mostra a evolução das populações preta e parda do Censo realizado em 1940 até o mais recente (2022) e algumas constatações são relevantes: “1. A timidez do crescimento da população preta, secularmente associada a um contingente escravizado e inferir revela como o racismo e a mentalidade colonial pesistem na sociedade brasileira; 2. O crescimento espetacular dos pardos ao longo de todas as décadas computadas. É um fenômeno! Por que será? Lembramos que associado ao “pardo” está a indefinição da sua identidade, do seu lugar na sociedade, da sua referência ancestral, em síntese, da sua territorialidade. A consciência geopolítica e ancestral de parcela da população de matriz africana do país já ressignifica este contexto, fato já revelado nas estatísticas oficiais. Nesse gráfico verifica-se o tímido aumento no crescimento da população declarada preta ao longo da série histórica, fato numérico comprobatório do racismo sistêmico praticado na nação, historicamente. Entretanto, nos anos de 2010 e de 2022, verificam-se aumentos nas populações que se autodeclararam “preta”, contexto que sinaliza que os esforços realizados nos distintos níveis da educação, por entidades representativas, movimentos organizados e políticas públicas pontuais nesses períodos, como a implementação possível da Lei 10.639 e outras ações assertivas pontuais. Em 2022 mais de 10% do país continental se autodeclarou preta e as população parda que apresentava um gráfico de ascensão crescente, se retraiu!

Nessa Figura o mapa com a estrutura étnico-racial por Regiões Geográficas do IBGE mostra no país que a Região Nordeste é que mais se autodeclara preta; a Região Norte a mais parda e a Região Sul a maior de população autodeclarada branca. Estes fatos estatísticos sinalizam a necessidade de estratégias assertivas do Brasil Africano para que no próximo Censo (2030), ou seja, que a população preta seja mais expressiva ainda e, o processo de embranquecimento em curso há 150 anos seja sustado com uma nova ordem étnico-racial configurada no país.

Figura 13 - Monitoramento do Crescimento da População Oficial como Preta e Parda pelo IBGE - Brasil. Séculos XX - XXI



Fonte: ANJOS, R.S.A. Mapeamento dos Terreiros do Distrito Federal 1ª. Etapa – Cartografia Básica. Instituto Baobás, Brasília, 2018. Projeto GEOAFRO UFBA/UnB. Salvador, 2023.

Este processo geopolítico desenvolvido no Brasil vai se processar com gradientes diferentes, mas com estratégias muito parecidas nas nações da América Latina. A Figura 14, a seguir, mostra os Censos demográficos realizados em seis países latino-americanos e algumas constatações básicas são bem evidentes:

1. A forma de nominar as populações de matriz africana nos países são um primeiro indicador a ser verificado: Na Argentina é usado

“afrodescendente” que pode ser qualquer um ser humano de ascendência africana em um espaço da diáspora africana (América, Europa e Ásia), ou seja ele ou ela não tem um país de referência. Esta denominação também é usada na Costa Rica, assim como “negros” (que podem ser de qualquer país associado à diáspora). A Bolívia usa “afrobolivianos”, assim como, o Chile e o México, denominando “afrochilenos” e “afromexicanos”. O Brasil, como o Haiti, usa “pretos” enquanto uma associação explícita para uma cor de pele. Entretanto o Haiti junta os “mestiços” e os “brancos” e o Brasil, separa “pardos” de “brancos”;

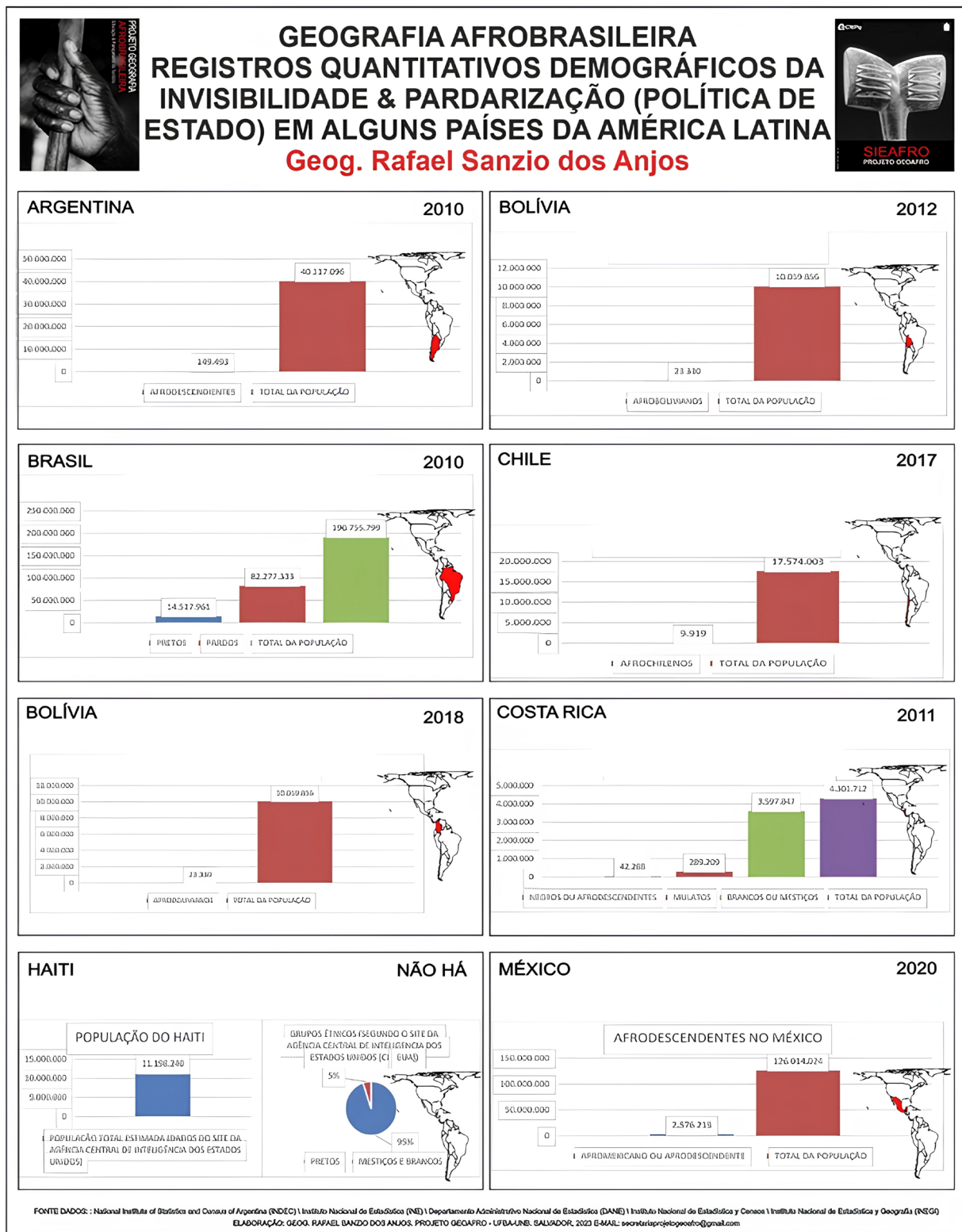
2. Os números baixos nas estatísticas das populações de matriz africana nos países computados nestes exemplos não estão muito diferentes das outras nações do continente latino. Dessa forma, a constatação básica da política de “embranquecimento” em curso é um fato constatado nos registros;

3. Além do método de aferição, existe o fato da periodicidade dos Censos, na maioria com irregularidade e, este componente é um fator fundamental para fragilidades e descontinuidades nas políticas públicas e privadas reparatórias.

As estratégias em curso de ampliação da deseducação e consolidação das referências de “minorias étnicas e raciais” são componentes que visam consolidar o processo de embranquecimento dos povos de matriz africana na América Latina, desenhado pelas elites “brancas” e dos países de mentalidade e prática Colonial, Imperial e Republicano como política de Estado e não de Governo para a manutenção dos contextos estruturais desigualdade e racismo.

Mesmo com as resistências e sobrevivências, nos piores lugares da sociedade e do território, com algumas exceções, estão populações afrolatinoamericanas. Dessa maneira, ser descendente do continente africano nos países, secularmente continua sendo um fator de risco, um desafio para manutenção da sobrevivência, um esforço para ter visibilidade no sistema dominante e, sobretudo, colocar uma energia adicional para ser – estar inserido no território. Neste sentido, Vargas deixa claro que nós “negros vivenciamos a violência não em razão do que fazemos, mas por causa de quem somos, ou melhor, de quem não somos. A violência gratuita equivale a um estado de terror que é independente de leis, direitos e cidadania.” (Vargas, 2017). Algumas conclusões e recomendações básicas são apontadas a seguir.

Figura 14 - Registros Quantitativos Demográficos da Invisibilidade & Pardarização (política de Estado) em Alguns Países da América Latina



Fonte: National Institute of Statistics and Census of Argentina (INDEC) \ Instituto Nacional de Estadística (INE) \ Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE) \ Instituto Nacional de Estadística y Censos \ Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI)
 Elaboração: Geog. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Projeto GEOAFRO. Salvador – BA. 2023

Algumas Conclusões e Referências para uma Governança Inclusiva

Tomando como premissa que as construções analíticas e as especulações não se esgotaram, concluímos e recomendamos o seguinte:

1. O contexto de desinformação das populações na América Latina no que se refere a África continua sendo um entrave estrutural para uma perspectiva real de melhora nas democracias incompletas existentes nos seus países. A luta por um Estado Democrático é uma batalha pelo respeito à diversidade étnico-racial. Neste sentido, não podemos perder de vista que entre os principais obstáculos para a inserção da população de matriz africana na nossa sociedade, está a inferiorização desta no sistema escolar com danos imensuráveis para as sucessivas gerações, uma vez que estamos tratando com uma ordem jurídica que esta institucionalizada há quase 200 anos, como é o caso do Brasil. Neste sentido, se coloca uma questão geopolítica-histórica básica, ainda sem resposta satisfatória: Qual o lugar geográfico oficial dos(as) afro-latino-americanos(as) nas suas nações? Apesar da geopolítica do apagamento, os registros da existência resistente estão no povo, na cultura, na arte e no território usado e praticado, tratados de forma “oficiosa” são reveladores da resistência secular. A Figura 15 mostra registros fotográficos de alguns países latinos e suas referências africanas, confirmando que apesar das políticas contrárias, as mesmas são um fato resistente no território;

Figura 15 - Registros Fotográficos das Existências & territorialidades de Matriz Africana na América



Fonte: Latina \ <https://www.argentina.gob.ar/derechoshumanos/promocion/pluralismo/afrodescendientes> \ <https://www.heygo.com/tours/saya-afro-boliviano> \ <https://radio.uchile.cl/2020/12/15/chile-no-desperto-exclusion-del-pueblo-tribal-afrodescendiente-chileno-en-los-escanos-reservados/> \ <https://jolandblog.com/16-dicas-uteis-viajar-paracolombia/> \ <https://www.guananoticias.com/visualizar/noticia/4275/www.centrocultural.cr#\> \ <http://itap-world.com/es/news/north-america/haiti/id/1907> \ <https://www.theguardian.com/world/2020/mar/19/afro-mexicans-census-history-identity> \

Elaboração: Geog. Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. Projeto GEOAFRO. Salvador – BA, 2023

2. Constatamos que o Brasil Africano real continua invisível oficialmente há 137 anos (1888-2025), ou seja, a rejeição secular do Estado com o fim do Sistema Escravista é o fio condutor básico da frequente articulação para a naturalização-normalização da democracia precária e da manutenção dos privilégios. Os níveis de resiliência ao longo dos últimos cinco séculos de convívio com as referências escravocratas na sociedade e sobretudo no território são exíguas. A constatação básica é a forma rígida como o Brasil se mantém com estas premissas conservadoras e com ações resiliêntes pontuais reveladas neste início de milênio, mas retrocedidas em intervenções em governança posterior. A nação mais escravista e com maior contingente populacional de origem na África ainda não pediu perdão pelos 4 séculos de escravidão pela autoridade máxima da nação, ou seja, o Estado ressentido justifica a inexistência institucional dos racismos e preconceitos, mantendo a negação oficial secular e aprofundando o modelo das desigualdades. Esta continua sendo uma questão ancestral e contemporânea estrutural. A Figura 16 sintetiza este panorama pendente junto à África Brasileira existente na nação que deve ser “vista”, “honrada” e ter “lugar”, ou seja, sair da invisibilidade proposital, ser respeitada na sua ancestralidade e ter uma oficialidade no território usado secular;

Figura 16 - O Brasil Atual e as pendências dos Sistema Escravista Secular



Elaboração: ANJOS, R.S.A. Projeto GEOAFRO \ SIEAFRO. Brasília 2024.

3. Continuamos assistindo uma ditadura da informação para a “America Latina Invisível” secularmente não ser vista na sua plenitude. Este contexto de controle imperial de um seletto grupo que acham que tem poderes ilimitados e são donos do país é, mais uma expressão, das nossas democracias incompletas. Tomamos como premissa

que as informações por si só não significam conhecimento. Entretanto, elas nos revelam que, com o auxílio da ciência e da tecnologia, temos condições de colaborar com o conhecimento geográfico na modificação das ações e das políticas pontuais e superficiais recorrentes na nação. Do ponto de vista instrumental entendemos o mapa oficial como uma ferramenta eficaz no auxílio para a resolução de conflitos e soluções territoriais. Neste sentido, a geolocalização oficial como política pública, ou seja, a informação geográfica precisa e automatizada assegurada com segurança e responsabilização pelo setor decisório, como uma ferramenta de visibilidade e revelação da nação invisibilizada pelo racismo sistêmico e todo o seu mecanismo de Estado mantenedor das desigualdades, é uma “porta concreta” para subsidiar a adoção de medidas consequentes na alteração das situações emergenciais das populações e dos territórios da “América Latina Africana”.

Referências

ANJOS, R.S.A. **Quilombos: Geografia Africana-Cartografia Étnica-Territórios Tradicionais**. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2010.

ANJOS, R.S.A. Territorialidade Quilombola: Fotos & Mapas/Quilombola. **Territoriality: Photos & Maps**. Mapas Editora & Consultoria. Brasília, 2011.

ANJOS, R.S.A. **Atlas Geográfico ÁFRICABRASIL**. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2014

ANJOS, R.S.A. **O Brasil Africano – Algumas Referências dos Séculos XVI – XXI: Cartografia para Educação**. Mapas Editora & Consultoria, Brasília, 2014

ANJOS, R.S.A. “As geografias oficial e invisível do Brasil: algumas referências”. **Revista GEOUSP**, São Paulo, v.19, n. 2, p. 374-390, 2015.

ANJOS, R.S.A. Diversidade étnica no Brasil invisível-visível: Apropriações-usos dos territórios & conflitos sócio-espaciais. *In*: SUERTEGARAY, D.M.A., SILVA, C.A., PIRES, C.L.Z. & PAULA, C.Q. (org.). **“Geografia e conjuntura brasileira”**. Consequência Editora, Porto Alegre: Anpege, 2017, p. 275-309.

ANJOS, R.S.A. Geografia oficial, cartografias invisíveis, geotecnologias e educação geográfica. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v. 99, 2018. ISSN: 2447-0945.

ANJOS, R.S.A. O Brasil africano invisível-visível e geografia secular perversa. *Revista Humanidades*, n. 63, p. 75–99, Brasília, Editora UnB. 2019. ISSN 0102.9479.

ANJOS, R.S.A. Territórios invisíveis do Brasil Africano: cartografias & tensões sócio – espaciais nos terreiros religiosos. *In*: REGO, N., AZEVEDO, A.F. & KOZEL, S. (Org.). **E-book**. Narrativas, Geografias, Cartografias - para viver, é preciso espaço e tempo. Editora Compasso Lugar – Cultura e Editora IGEO - UFRGS. Porto Alegre 2020, p. 39-64. v.I.

ANJOS, R.S.A. A Geografia afrobrasileira, o estado de mentalidade colonial e a governança racista. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 104, jul./dez. 2020, p. 23–60. ISSN: 2447-0945.

ANJOS, R.S.A. Minorias não precisam ser mapeadas, precisam de cidadania. *In*: UGEDA, L. & SEO, H.N.K. (org.). **“Geodireito Mitos e Fatos”**. Instituto Geodireito, Brasília, 2020, p.81-82.

ANJOS, R.S.A. Space references of secular structural – institutional racism official governance. **Periódico Geobaobás**, v. 5, n.1, p. 1-100, 2021. ISSN: 2177-4366.

ANJOS, R.S.A & CYPRIANO, A. **“Quilombolas – tradições e cultura da resistência”**. Aori Comunicações. São Paulo: Petrobras, 2006.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**. Rio de Janeiro: IBGE - PNAD, 1996.

IBGE. **Estimativas da População Brasileira**. Rio de Janeiro, 2018.

PIKETTY, T. **Brasil tem maior concentração de renda do mundo e o 1% mais rico**. *El País*. Madrid, Espanha, 13 dezembro 2017.

SANTOS, M. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2000, Caderno Mais! Domingo, p. 14-15.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização – Do pensamento único à consciência universal**. Editora Record, 2003.

VARGAS, J.C. Por uma mudança de paradigma: Antinegitude e antagonismo estrutural. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.48, n. 2, p. 83-105, 2017.